



LOS IBEROS AYER Y HOY. ARQUEOLOGIAS Y CULTURAS

Carmen Aranegui Gascó

Ed. Marcial Pons, Historia, Madrid 2012, 377 pág, il, índices onomástico e toponímico.

Resenha por Gabriela Martín

Resenhamos um livro que não deveria faltar em nenhuma biblioteca de Arqueologia. A base teórica em que a obra foi estruturada serve para qualquer tempo e lugar no qual se trate de povos antigos posteriormente colonizados por impérios poderosos. A começar pelo nome de *iberos*, habitantes da Ibéria, designação grega da Península Ibérica até a conquista pelo Império Romano em que passa a ser chamada *Hispânia*. Para os historiadores romanos, serão “iberas” as tribos diferentes na língua, na religião, na escrita e nos costumes que fizeram violenta resistência à conquista romana e, assim, os edetanos, contestanos, ilergetes, aquitanos, vacceos e lusitanos para citar algumas das numerosas tribos, muitas vezes rivais entre si, que passaram a ser iberos submetidos. Esse fato se repetirá milênios depois na América e, no Brasil, por citar um exemplo que nos atinge mais de perto, os tupi, guarani, charrua ou pankararu, que se converteram em apenas *índios*, nivelando idiosincrasias tão dispares. É próprio dos impérios imporem uma burocracia generalizadora que anule a individualidade e singularidade dos submetidos. A etiqueta de *iberos* igualou povos do mar, que eram comerciantes e se submeteram mais facilmente, e povos guerreiros, montanhese indômitos, que resistiram ao avance romano até sua autodestruição. Mais uma vez, podemos comparar esses fatos com os povos indígenas brasileiros que, sem grandes lideranças nem interesses comuns, guerrearam entre eles por múltiplos motivos, rivalidades aproveitadas muito bem pelos portugueses, como também

havia feito os romanos em Hispânia. A importância do livro de Carmen Aranegui, catedrática de Arqueologia da Universitat de València, na Espanha, não estriba tanto no tema tratado – os iberos – como na estrutura da obra, levando-se em conta a enorme bibliografia existente sobre o iberismo desde o século XIX. É o subtítulo – *ayer y hoy* – (ontem e hoje), em que reside a originalidade do seu trabalho.

As terras compreendidas desde o Oceano Atlântico ao Mar Negro, do Danúbio ao Egito, com todos os territórios que hoje chamamos *Próximo Oriente* e as terras banhadas pelo Mediterrâneo pertenceram ao Império Romano, assim, quando se formaram novas nações com o fim do Império e começaram a surgir as nacionalidade dos tempos modernos, ter pertencido ao antigo Império Romano não era importante para as novas nações. Os nacionalismos incipientes voltam-se para a idade de ouro dos povos, criando mitos e ressuscitando glórias passadas, como os heróis anônimos de Numância e Sagunto, que se autoimolaram enfrentando romanos e cartagineses ou Vercingetorix, o grande herói símbolo da resistência gala frente às legiões romanas. Os nacionalismos, sempre perigosos, se utilizaram dos feitos dos chefes iberos que enfrentaram os romanos com maior ou menor êxito, especialmente Viriato, o famoso pastor lusitano a quem, para derrotá-lo, Roma teve que recorrer ao suborno e à traição, mas também, nomes de heróis mais locais, como os irmãos Indibil e Mandonio, ou os caudilhos Istolacio e Indortes defensores das terras dos lusitanos e dos vettones que, derrotados por Amilcar, foram condenados ao suplício da cruz e são hoje nomes nas glórias ibéricas de Espanha e Portugal.

Frente ao pensamento da Ilustração do s. XVIII imbuído do valor das culturas greco-romanas, o Romantismo nacionalista volta-se às origens dos povos mais antigos. Mas, como diz G. Pereira-Menaut no erudito prefácio que acompanha o livro, a expressão *povo aborígene* não pertence à linguagem científica e é apenas a simples constatação de que, em muitos lugares do planeta antes da chegada dos povos históricos que ocuparam um lugar sobressalente na cena, havia outras populações que foram aniquiladas, submetidas ou assimiladas. Pensava-se que aqueles povos teriam ocupado aqueles territórios desde as origens (dos tempos?), pergunta-se o autor citado. Todavia, sabemos hoje que a não ser da África, com a primeira migração do *h. sapiens*, nenhum povo é *ab-origine* de lugar nenhum porque todos chegaram de algum outro lugar. Mas, embora a investigação contemporânea assim o demonstre, a historiografia está cheia de sentimentos preconceituosos em relação às origens dos povos, e historiadores sérios, embora ingênuos ou não tanto, ficaram impregnados do sentimento das origens quanto mais antigas e grandiosas melhor, especialmente as burguesias nacionalistas modernas na valoração do passado histórico. A possível origem africana dos povos ibéricos não satisfaz a investigadores desejosos de incluir a Península Ibérica num passado pan-europeu. Origem africana aproximava Espanha e Portugal do ideário de que Europa se acaba nos Pirineus. O elemento celta, importante sem dúvida na formação dos povos ibéricos, será valorizado pela historiografia que mira a Europa. O *celtibero* será uma derivação desse sentimento. E aqui entra a originalidade do

livro de Carmen Aranegui acompanhada de uma boa dose de bom senso, na crítica positivo-construtiva de todas as ideias e justificativas expostas na apreciação das origens ibero-celtas-celtiberas na historiografia para chegar à conclusão acertada de que os povos ibéricos, como tantos outros, se fizeram a si mesmos ao longo de cinco séculos de existência (500 a.C. até a definitiva conquista romana no ano 19 a.C.). Contaram com o aporte cultural de fenícios e gregos e de toda classe de navegantes mediterrâneos, além das tribos celtas do norte da Europa que, no dizer da autora, não foram homogêneos nem regulares, sujeitos a explosões de violência e lutas internas de grupos que não aspiravam a representar uma entidade étnica como um todo, pelo contrário, eram tribos rivais.

A burguesia conservadora erudita da Península Ibérica no século XIX, mesmo com mentalidades marcadamente diferentes dependendo das várias províncias, mostrou a sua predileção por um passado pré-romano heroico no seu imaginário nacional, valorizando gestas e levantando monumentos aos caudilhos locais numa tentativa de autoafirmação histórica, registrada pela autora do livro no *ontem e hoje* dos povos ibéricos que encabeça o título. Mas não se pode esquecer que, para o imaginário heroico dos povos da Península Ibérica, é certo que foi a primeira região onde os romanos entraram e a última dominada e que, segundo palavras do próprio Octavio Augusto, os iberos foram os primeiros invadidos e os últimos a serem dominados.

A autora trata também com sumo acerto a problemática das línguas ibéricas *versus* as várias escritas também ibéricas que serviram, não poucas vezes, de base pseudocientífica para justificar o nacionalismo dos povos bascos modernos na frente atlântica do norte da Espanha e do sul da França.

A segunda parte do livro, com o subtítulo *Arqueologias y culturas*, é mais "arqueológica", se podemos nos permitir a redundância. Densamente ilustrado, a autora não esquece qualquer elemento da rica cultura material que caracteriza a arqueologia dos povos ibéricos. Epigrafia, numismática, paisagem, santuários, necrópoles, *oppida*, escultura e, especialmente, a cerâmica pintada figurativa, que retrata a sociedade ibérica, são estudadas com acerto e originalidade. A obra se fecha com um capítulo dedicado à vida dos iberos já como cidadãos da Hispânia romana e, como não poderia deixar de ser pela ótica da obra, a autora discorre sobre os diferentes enfoques que a historiografia deu à obrigatória adaptação dos povos ibéricos à cultura romana. Benéfica para quem pensava que se romanizar supunha abandonar a barbárie e aceder à civilização ou negativa para os historiadores defensores da valorização das marcas próprias e que consideraram o romano exógeno e inimigo da pluralidade autóctone, valorizando os povos que ficaram fora da romanização, como os germanos ou cunhando termos como *arte galo-romana* ou *ciudades ibero-romanas*.

O livro apresenta também uma completa bibliografia com levantamento das fontes romanas, índices onomástico e toponímico, além de uma cronologia comparada do entorno dos tempos ibéricos.